



## VISTO DE FORA

# Criatividade

Actualmente há mais de 700 milhões de linhas de rede móvel activas, além de 36 milhões de fixas



Eugénio Viassa Monteiro

O forte impacto da crise nos últimos anos fez focar as atenções nas economias emergentes, onde a crise pouco se fez notar. Países chamados BRIC têm um importante vector de exportações, o que noutros tempos os teria afectado muito, mas quase os deixou incólumes. A Índia, em particular, que crescera a taxas de 9% nos anos anteriores à crise, aguentou-se a taxas accetáveis nos anos posteriores. Onde está o seu segredo?

Apesar de uma razoável componente agrícola no seu PIB (cerca de 17% da riqueza, ocupando 52% da população activa), muito dependente da chuva das monções, o crescimento global é suportado pela prestação da indústria e sobretudo dos serviços. Acrescenta-se a isso a expansão crescente do mercado interno. No último ano, os efeitos da paragem para se clarificar e levar aos tribunais os corruptos em muitos sectores (extração de minérios, licenças 3G de telefonia móvel, etc.) fizeram declinar o crescimento, que se situou nos 5,5%.

As exportações indianas têm, além dos produtos clássicos, uma componente importante de serviços de alto valor intrínseco, como os serviços de TIC, I&D, de BPO – business process outsourcing, de produtos manufacturados valiosos, como componentes de automóveis, joalharia, etc., e outros produzidos a custos baixos, como os fármacos genéricos. Mesmo querendo, boa parte destas exportações dificilmente se podem eliminar, porque sairia muito caro e não haveria técnicos à altura para laboração imediata nos países importadores. É certo que alguns bancos e companhias de seguro americanos soçobraram, mas quase não tiveram impacto no outsourcing para a Índia. Para contrabalançar a redução de exportações clássicas (têxteis, calçado, etc.), estiveram as

crescentes remessas de emigrantes e os gastos dos turistas na Índia, bem como o turismo de saúde, que começa a evidenciar-se.

A animação do mercado interno teve uma parte interessante nas zonas rurais, onde a garantia de um rendimento mínimo ao chefe de família e os investimentos em infra-estruturas locais tiveram por efeito aumentar a produção agrícola, agora mais fácil de escoar, criando nova vitalidade económica no interior.

A atenção aos estratos pobres levou a generalizar o ensino obrigatório e a impulsionar a formação profissional e técnica de modo a dispor de mão-de-obra qualificada e mais bem remunerada. A melhoria das receitas do agregado deveu-se em parte à formidável expansão da comunicação telefónica móvel, devido à sua acessibilidade: baixo custo de aquisição e reduzidíssimo custo de utilização. Actualmente há mais de 700 milhões de linhas de rede móvel activas, para além de 36 milhões de fixas. Estar conectado equivale só por si a melhorar os rendimentos em qualquer ocupação.

O forte esforço de I&D para redesenhar produtos, reduzindo custos e melhorando a prestação, está a dar valiosos resultados tanto na saúde

como na qualidade de vida. É o caso dos purificadores de água da Hindustan Lever e do Grupo TATA; dos microfrigoríficos da Godrej; dos fogões de alto rendimento da First Energy; do carro Nano da Tata, que custa \$2200; do robusto e fiável electrocardiógrafo da GE, a \$1000 dólares (1/10 do custo dos antigos, feitos nos EUA), iniciando-se o que Jeff Immelt, CEO da GE, apelidava reverse innovation, com produtos económicos e robustos feitos na Índia a serem vendidos nos EUA.

A iniciativa de identificação única para o cidadão, com os dados biométricos, que já abrange 300 milhões, vai beneficiar os mais pobres, permitindo-lhes ter a sua conta bancária, mesmo sem saberem ler nem escrever, e receber os apoios consignados na lei e a eles destinados, sem as fraudes de intermediários.

Talvez esta frescura criativa da Índia deva ser estudada com atenção para ser fonte de inspiração na busca de soluções para os nossos problemas. Dos países pobres mas inovadores podemos sempre aprender muito, desde que deles nos aproximemos sem complexos, dispostos a ver, estudar, adaptar e replicar.

Professor da AESE e Autor de "O Despertar da Índia"



As exportações da indianas diversificaram-se

KRISHNENDU HALDER / REUTERS